

Um mapeamento dos estudos sobre o Fotojornalismo no Brasil (2002 – 2011)¹

Jorge Carlos Felz Ferreira
Departamento de Comunicação e Artes
Faculdade de Comunicação - Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: o presente artigo apresenta alguns dados de uma pesquisa exploratória acerca da apresentação de trabalhos e pesquisas sobre fotojornalismo nos últimos dezanos. Foram analisados todos os Congressos anuais da Intercom, SBPJor e Compós no período de 2002 a 2011. Esse levantamento permitiu-nos ter um panorama do atual estágio dos estudos sobre a aplicação da fotografia no jornalismo, levantando possíveis grupos de pesquisas e estudos sobre o tema. O trabalho busca ainda refletir como a falta de pesquisas sobre o tema pode deixar de ajudar na superação dos atuais dilemas do fotojornalismo colocados e pressionados pela tecnologias digitais e pelas redes sociais.

Palavras-chave: jornalismo; fotojornalismo; pesquisa e ensino do jornalismo

Introdução

No final da década de 1830, quando o jornalismo na Europa e nos Estados Unidos² já havia entrado no processo de profissionalização, é que surgem os primeiros processos fotográficos. Os jornais, mais populares (alguns valem poucos centavos, os *penny press*) circulam por várias cidades européias e norte-americanas, privilegiando cada vez mais a informação, o que pressupõe um novo conceito de notícia. É um momento em que a “atividade jornalística que se iniciara com as discussões político-literárias aquecidas, emocionais, relativamente anárquicas, começava agora a se constituir como grande empresa capitalista” (Marcondes Filho, 2000, p.13)³.

Fruto da modernidade e do desenvolvimento industrial, a fotografia está intimamente ligada não apenas à revolução das comunicações (modernização e desenvolvimento dos processos de impressão de jornais e revistas, invenção do telégrafo), mas também a outros fenômenos da sociedade industrial que começa a se delinear: o crescimento das cidades; desenvolvimento da economia; a industrialização e as grandes

¹Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, durante o XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²No caso do Brasil o jornalismo ainda se encontrava em processo de organização e implantação. A tipografia só foi introduzida oficialmente no país depois da chegada da Família Real em 1808 e ainda era restrita a algumas poucas cidades. Além disso, em virtude de uma série de questões políticas e sociais, a prática jornalística ainda se encaixava em um modelo de jornalismo panfletário, partidário e localizado; modelo que somente será ultrapassado ou substituído, ao menos em parte, nas primeiras décadas do século XX.

³MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. S. Paulo: Hacker, 2000.

mudanças nos conceitos de espaço e tempo. Por essas ligações e por seu caráter mecânico, a fotografia será a imagem que melhor retratará a sociedade do século XIX.

A fotografia vai responder às novas necessidades de imagens da nova sociedade, que precisava de um sistema de representação adaptado ao seu nível de desenvolvimento, ao seu grau de tecnicidade, aos seus novos ritmos, aos seus modos de organização social e política e à sua economia. “Na metade do século XIX, a fotografia foi a melhor resposta para todas essas necessidades. Foi o que a projetou no coração da modernidade, e que lhe valeu alcançar o papel de documento” (ROUILLÉ, 2009; p. 31).

A câmera fotográfica será o primeiro aparelho⁴ capaz de afastar a mão do artista do processo de representação, isto é, esse será um ponto de viragem, de transposição, uma vez que a fotografia, enquanto imagem técnica, se distingue das imagens anteriores e que abre caminho para uma nova série, com a inclusão posterior do cinema, da televisão e do vídeo. A introdução da máquina fotográfica na lógica da produção industrial, nessa fase de transição, substituindo máquinas manuais, faz da fotografia a imagem preferencial dessa nova sociedade industrial e um de seus principais instrumentos.

A fotografia irá ainda determinar uma série de novas qualidades em sua aceitação como meio visual, tanto que passa a ser vista como um apoio informativo (as pessoas se encontravam diante de algo que nunca haviam visto e isso lhes traziam novas sensações), como uma arte criativa (não é possível desvincular a fotografia de imprensa, ou o fotojornalismo da experiência enquanto fotografia artística, uma vez que uma completa a outra), como uma experiência reflexiva (as imagens também podem ampliar o sentido global de um dado acontecimento, gerando novos sentidos além de enriquecer a ampliação de mapas e imagens mentais nos receptores) e como uma técnica evolutiva (a fotografia de imprensa se adapta às tecnologias vigentes na época e não perde seu papel primordial de informar como testemunha dos fatos).

A apropriação da fotografia pelo Jornalismo

Se o uso da fotografia pelos jornais aparece, a princípio como um fenômeno estético interno das publicações, capaz de oferecer uma identidade corporativa própria, o desenvolvimento da imprensa induz diretamente ao desenvolvimento da iconografia.

⁴ Preferiu-se aqui o termo aparelho ao invés de instrumento, tomando por base as ideias de Flusser (2002), para quem os aparelhos são mais do que instrumentos, pois os aparelhos são produtos industriais que apontam para o pós-industrial. Se instrumentos servem arrancar objetos da natureza, os aparelhos não procuram modificar o mundo, mas a vida dos homens. Cf. FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Algumas das condições tecnológicas com a invenção das rotativas e da linotipia reduzem os custos de produção. Por outro lado, o desenvolvimento das comunicações, como as estradas de ferro e do telégrafo aumentaram a difusão mediante serviços de propaganda com grande rapidez, permitindo se chegar a um amplo setor da população. Neste contexto de amplo desenvolvimento tecnológico, sociocultural e econômico, a incorporação da fotografia pela imprensa é um fenômeno importante. Freund⁵ (1994), ao mesmo tempo que assinala que a incorporação da fotografia pela imprensa tem um alcance verdadeiramente revolucionário, afirma que essa incorporação

altera a visão das massas. Se até então o homem comum só podia visualizar os acontecimentos próximos, que ocorriam ao seu redor, em sua rua, em sua cidade, com a fotografia, se abre uma nova janela para o mundo. Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar no país e além das fronteiras se tornam familiares. Ao ampliar sua visão, o mundo se encolhe. A palavra escrita é abstrata, porém a imagem é um reflexo concreto do mundo onde cada um vive. A fotografia inaugura os mass-media visuais, quando o retrato individual se vê substituído pelo coletivo. (FREUND, 1994).

Esta incorporação da fotografia pela imprensa será lenta. Ainda que a utilização das fotografias seja prática comum desde o final da década de 1880, a imprensa diária terá que aguardar ao menos uns vinte e cinco anos para assumir definitivamente este novo procedimento de reprodução mecânica da imagem fotográfica. Freund (1994) vê razões meramente econômicas pois, ao não possuírem máquinas apropriadas para realizar os clichês fotográficos, os proprietários e editores precisam investir grandes somas para o aparelhamento das gráficas e oficinas. Newhall⁶ (2002) por outro lado, considera que as razões fossem mais de caráter formal ou estilístico e aponta a incorporação tardia da fotografia pela imprensa diária seja apenas a falta de costume do leitor que ainda não aceita ou não compreende esse novo procedimento.

Entretanto, apesar dessa incorporação tardia da fotografia pela imprensa, revistas e jornais passam a utilizar rotineiramente as fotografias como elemento do jornalismo a partir do início do século XX, especialmente a partir do seu emprego pelas revistas ilustradas. Será inclusive, nestas, na Alemanha do entre-guerras, que o atual fotojornalismo surge (Sousa, 2000) buscando contar histórias dos sujeitos comuns e de acontecimentos do cotidiano.

⁵ FREUND, Gisele. *Fotografia social*. Lisboa: Vega, 1994.

⁶ NEWHALL, Beaumont. *Historia de la fotografia desde su Orígenes a nuestros dias*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1999.

As revistas alemãs, influenciadas pelas idéias da *Bauhaus*, articulavam o texto e as imagens de uma maneira nova, trazendo a fotografia integrada ao texto, como parte de um projeto maior, muitas vezes assumindo um ponto de vista, esclarecendo o acontecimento. Segundo Sousa (2000) foi com as experiências das revistas ilustradas, na Europa e nas Américas, que o fotojornalismo transformou-se definitivamente. Para ele agora não se trata mais da produção rotineira de um produto rápido, da produção de ‘bonecos’ ilustrativos.

Na década de 1930 o fotojornalismo integra-se definitivamente às rotinas dos jornais. Essa integração ocorre por uma série de fatores sociais e culturais. É interessante destacar que as fotografias tornam-se populares muito em virtude de uma nova cultura visual que se desenvolve por conta do cinema. A fotografia de Cartier-Bresson, torna-se um exemplo perfeito da aliança entre a arte e a informação imagética baseada na autoria. Já nos EUA, a crescente industrialização vai afetar de forma intensa a imprensa e estende ao fotojornalismo o ideal da objetividade diante de um mundo onde os fatos são merecedores de desconfiança. Dessa forma, reina entre os fotógrafos, a idéia de estabelecer a fotografia como um documento (caráter de verdade).

A partir da década de 1960, o fotojornalismo passará por uma nova revolução, evoluindo por um lado, para a polisssemia e, por outro, mas não dissociado do primeiro, para a análise e para o comentário. O desenvolvimento de novas tecnologias nas últimas quatro décadas, como a das objetivas de autofoco, a introdução da cor na fotografia de imprensa e o surgimento da manipulação e captação digital de imagens e sua transmissão imediata via satélite ou através da Internet, são características marcantes do atual período do fotojornalismo. Outro ponto que se deve destacar no atual cenário é o aumento da concorrência e o reforço dos aspectos negativos do jornalismo sensacionalista que vão cada vez mais privilegiar a espetacularização e dramatização da notícia. No fotojornalismo, essas alterações serão percebidas no privilégio dado às imagens sensacionalistas e na industrialização das rotinas profissionais.

A fotografia tem sido objeto de inúmeros estudos. Na academia, tem sido ensinada e estudada, pelo menos há 50 anos. E, embora existam diferentes abordagens e trabalhos sobre o fotojornalismo, em sua maioria, essas visões não são consensuais. Talvez porque a própria história da fotografia e do fotojornalismo seja feita por uma série de tensões e rupturas.

Panorama atual dos estudos sobre o Fotojornalismo no Brasil

Alguns pesquisadores analisam a fotografia como resultado do processo evolutivo da tecnologia empregada e da incorporação dos conceitos estéticos à produção das imagens. Dessa forma, o desenvolvimento de equipamentos cada vez mais eficientes e a incorporação dos conceitos estéticos, em voga desde o Renascimento, produziram fotografias cada vez mais perfeitas o que, de certa forma, levou à idéia da fotografia como espelho da realidade (visão que cada vez mais é rechaçada pela maioria dos estudiosos do campo). Os trabalhos de Helmut e Alison Gernsheim (1966)⁷ e Philip Geraci (1984)⁸ são os primeiros a analisarem o fotojornalismo como uma espécie de colcha de retalhos, fragmentos que, juntos, levaram a atividade ao atual estado em que hoje se encontra, permitindo refletir sobre os fatos atuais. No campo oposto, ficam as pesquisas de Mitchell (1994)⁹ e Snyder (1980)¹⁰. Estes tratam a história da fotografia como uma história ideológica, de movimentos de substituição e imposição de convenções.

Outros estudiosos, como Newhall (1982)¹¹ e Freund (1994)¹², procuram visualizar a história da fotografia como parte de um contexto histórico mais amplo, com seus aspectos econômicos e sociais. Freund dá à fotografia e, em especial ao fotojornalismo, um grande destaque como instrumento de mudança social. Também devemos aqui incluir os trabalhos de Susan Sontag (1986)¹³ e Walter Benjamin (2000)¹⁴ que discutem a fotografia no contexto da cultura e das ideologias, questionando o valor informativo das imagens e os conceitos estéticos envolvidos

No Brasil, os cursos das áreas de comunicação e artes passam a oferecer a fotografia, como parte dos seus currículos, na década de 1960. Em 1962, a escola de jornalismo da Fundação Cásper Líbero introduz a matéria Fotografia no currículo, que é oferecida fora do ambiente universitário, na sede de um fotoclube. Aqui vale ressaltar que fotoclubes são entidades formadas por fotógrafos amadores, que buscam dar à fotografia o estatuto de arte, diferenciando-se, portanto, do fotógrafo de imprensa. (COSTA e

⁷GERNSHEIM, Helmut e GERNSHEIM, Alison. *História gráfica de la fotografia*. Barcelona: Omega, 1966

⁸GERACI, Philip C. *Photojournalism: New Images in Visual Communication*. Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Company, 1984.

⁹MITCHELL, William J. *The Reconfigured Eye. Visual Truth in the Post-Photographical Era*. Cambridge, Massachusetts. London, England: The MIT Press. 1994.

¹⁰SNYDER, Joel, *Picturing Vision, The Language of Images*. Chicago: University of Chicago, 1980.

¹¹NEWHALL, Beaumont. *The history of photography*. Nova York : Museum of Modern Art, 1986.

¹²FREUND, Gisele. *Fotografia e sociedade*. Lisboa: Vega. 1994.

¹³SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

¹⁴BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 2000. Pp 221 – 254.

RODRIGUES, 1995)¹⁵.

Em 1964 é criada a Faculdade de Comunicação de Massa, na recém-criada Universidade de Brasília (UnB), que formaria o aluno em uma das várias habilitações: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e TV, Rádio e Cinema (MARQUES DE MELO, 2003)¹⁶. No primeiro semestre eram oferecidas, como disciplinas optativas, Fotografia Jornalística ou Desenho Jornalístico e o aluno deveria escolher uma ou outra matéria artística, conforme seus interesses.

Organizado por Pompeu de Sousa, um dos pais do moderno jornalismo brasileiro, o currículo da UnB tem um detalhe importante a ser observado: trata a fotografia como arte e não a enquadra com rol das técnicas jornalísticas.

Apesar de Pompeu de Sousa ter organizado a Faculdade de Comunicação da UnB como Escola de Jornalismo, Escola de TV-Rádio e Cinema e Escola de Publicidade, baseando-se na Universidade de Stanford, com “uma orientação pedagógica voltada para o treinamento de especialistas nas atividades básicas dos mass media” (MARQUES DE MELO, 1974, p.47)¹⁷, a fotografia não foi entendida como uma técnica do jornalismo.

Na década de 1980, com o estabelecimento das diretrizes curriculares pelo Ministério da Educação (MEC), a fotografia foi incorporada aos currículos mínimos de todos os cursos de Comunicação e, apesar de já não existir mais uma grade única, a fotografia permanece sendo oferecida. Entretanto, na maioria dos projetos pedagógicos, a fotografia é entendida como Arte.

Dentro do ensino de jornalismo, o lugar da fotografia ainda é visto como algo menor, de menor importância. A fotografia quando incorporada aos cursos de jornalismo, não tem a intenção de formar repórteres fotográficos, mas de equipar os futuros jornalistas com a compreensão de mais essa função. Assim, os estudantes são momentaneamente retirados do espaço jornalístico e lançados num ambiente (artístico) que não dá conta da dinâmica da fotografia de imprensa. Isso acaba por se traduzir numa baixa quantidade de trabalhos sobre fotojornalismo no Brasil.

Para traçarmos um panorama do atual momento dos estudos sobre o fotojornalismo

¹⁵COSTA H.; RODRIGUES R. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: IPHAN, Funarte 1995.

¹⁶MARQUES DE MELO, José. *História Social da Imprensa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003

¹⁷MARQUES DE MELO, José. *Pedagogia da Comunicação: as experiências brasileiras*. In: *Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1974.

no Brasil, buscamos observar os trabalhos apresentados nos últimos dez anos nos principais Congressos da área da Comunicação, e onde o jornalismo aparece como área estratégica para estudo. Foram observados os trabalhos apresentados nos Congressos Nacionais da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação): Grupos de Jornalismo e de Fotografia; nos Encontros Anuais da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação): grupos de Comunicação e de Fotografia e ainda os trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais da SBPJor (Associação Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo).

Os dados aqui apresentados, foram obtidos a partir da análise dos livros de resumos, dos anais dos encontros e dos sites das instituições. Num primeiro momento, buscou-se por palavra-chave (fotojornalismo); posteriormente, devido alguns retornos de busca inconsistentes, foi preciso olhar cada livro resumo, analisando cada trabalho apresentado nos grupos que constituíram a amostra. Neste caso, considerou-se os títulos e os resumos dos trabalhos para a seleção dos dados.

Para compreendermos a importância dessas instituições e dos eventos por elas organizados, traçamos brevemente aqui alguns comentários:

- **Intercom:** A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, foi criada em dezembro de 1977 em São Paulo, e preocupa-se com o compartilhamento de pesquisas e informações de forma interdisciplinar. Além de encontros periódicos e simpósios, a instituição promove um Congresso Nacional – evento de maior prestígio na área de pesquisa em Comunicação, que recebe média de 3.500 pessoas anualmente, entre pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior.
- **COMPÓS:** A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação foi fundada em 16 junho de 1991, e possui como associados os Programas de Pós-Graduação em Comunicação em nível de Mestrado e/ou Doutorado de instituições de ensino superior públicas e privadas no Brasil. Tem como objetivos principais o fortalecimento e qualificação crescentes da Pós-Graduação em Comunicação no país; bem como o estímulo à participação da comunidade acadêmica em Comunicação nas políticas do país para a área, defendendo o

aperfeiçoamento profissional e o desenvolvimento teórico, cultural, científico e tecnológico no campo da Comunicação.

- **SBPJor**: criada em novembro de 2003, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo procura agregar pesquisadores, constituindo-se em um lugar privilegiado, tanto para a apresentação de trabalhos, quanto para a formação de redes para pesquisas específicas no campo do jornalismo.

Ao analisarmos os eventos dos últimos dez anos, de cada uma dessas instituições, temos os seguintes dados em relação à apresentação de trabalhos sobre fotojornalismo:

1) Encontro Anual da Compós:

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
N	N	N	N	N	01	01	02	N	05

Tabela 1 – trabalhos sobre fotojornalismo apresentados nos Encontros da Compós (2002 a 2011)

É importante ressaltar que, na Compós, existem dois grupos que podem ter trabalhos com temas relacionados ao nosso objeto de análise, o grupo de jornalismo e o de fotografia. Como é praxe dos encontros que cada grupo de estudos tenha, por evento, a apresentação de, no máximo, 10 trabalhos, nós teríamos por ano, um total de 20 trabalho que poderiam apresentar como tema, o fotojornalismo.

Nos anos de 2003 a 2006 (metade do período analisado) não houve nenhuma apresentação de trabalho sobre fotojornalismo. Estes só vão aparecer, de forma ainda tímida, a partir de 2007, com o ano de 2010 também não apresentando nenhuma ocorrência. Porém, em 2011 aparecem cinco trabalhos onde o fotojornalismo é discutido.

Residem ainda nestes dados alguns pontos importantes. Dos nove trabalhos apresentados nos últimos dez anos, na Compós, três trabalhos são de um único autor, e os demais são de diferentes autores. Dos nove trabalhos, um discute o fotojornalismo no atual cenário de convergência; um trabalho analisa a fotografia de conflito e todos os demais partem do fotojornalismo para refletir sobre discurso visual, tendo a semiótica como método de análise.

Apesar do período de análise abarcar uma década de produção, de existir dois grupos de pesquisa importantes, com fortes ligações com o tema, os dados parecem nos

levar a crer que não há, nesse universo, um grupo ou grupos de trabalhos que estejam diretamente envolvidos nos estudos acerca do fotojornalismo.

2) Congressos da SBPJor:

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
*	N	N	03	02	01	02	01	04	02

Tabela 2 – trabalhos sobre fotojornalismo apresentados na SBPJor (2003 a 2011)

* A SBPJor só será criada no ano seguinte: 2003

A dinâmica de apresentação da SBPJor segue uma estrutura muito particular. Além de comunicações individuais, é possível a montagem de mesas, de comunicações coordenadas sobre um determinado tema. Normalmente, essas mesas são organizadas por grupos de pesquisa ou redes que, em alguns casos, extrapolam os limites dos eventos da SBPJor, como é o caso das redes de pesquisas em telejornalismo ou jornalismo e tecnologia.

No primeiro congresso da SBPJor, estiveram presentes cerca de 100 pesquisadores e foram apresentados 60 trabalhos. Nos anos seguintes, esses números entram num crescente, que pode ser verificado com os dados que são apresentados na tabela abaixo:

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
*	60	95	129	113	114	152	158	149	204

Tabela 3 – número total de trabalhos apresentados na SBPJor (2003 a 2011)

Entretanto, o crescente aumento do número total de trabalhos apresentados não se traduz no aumento proporcional de trabalhos (seja como comunicações individuais ou trabalhos apresentados em comunicações coordenadas) acerca do fotojornalismo. Isso é claramente observado no último ano, 2011, em que, de um total de 204 trabalhos, apenas dois (0,98%) tinham o fotojornalismo como tema.

Outro dado interessante observado é que, dos 17 trabalhos apresentados no período analisado, apenas dois pesquisadores aparecem mais de três vezes (Felz e Silva Jr) e uma pesquisadora aparece com dois trabalhos (Biondi). Todos os demais são trabalhos esparsos, apresentados por diferentes autores e todos como comunicações individuais. Vale ressaltar aqui que nunca houve, na SBPJor, uma mesa coordenada sobre fotojornalismo ou que, no mínimo, tangenciasse o assunto.

3) Congressos da Intercom:

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
01	04	04	03	07	05	07	10	09	05

Tabela 4 – trabalhos sobre fotojornalismo apresentados nos Congressos da Intercom (2002 a 2011)

Em função da dimensão que tomou os Congressos da Intercom, não iremos aqui trabalhar com os números totais de comunicações, mas vamos nos basear nos quadros de trabalhos apresentados, anualmente, em duas grandes áreas, a de jornalismo e a de fotografia. Em 2002 e 2003, só foram observados os trabalhos do grupo de pesquisa em jornalismo. O grupo de fotografia só aparecerá a partir de 2004.

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
65	44	74	110	85	108	111	120	93	91

Tabela 5 – número de trabalhos apresentados nos grupos de jornalismo e fotografia (2002 a 2011)

Com as alterações na organização da Intercom, a partir de 2009, a área de jornalismo foi desmembrada. Surgiram as divisões temáticas e os grupos de pesquisa em: gêneros jornalísticos, história do jornalismo, jornalismo impresso, telejornalismo, jornalismo impresso e teorias do jornalismo. Com isso houve uma maior complexificação do campo, com um conseqüente aumento de trabalhos. Para efeito de levantamento de dados, não observamos os trabalhos enviados para o GP de telejornalismo e para o de teorias do jornalismo.

O campo da fotografia passou a ser estudado por um Grupo de pesquisa (GP de fotografia), dentro da divisão temática de audiovisual. Essa reorganização foi importante para a área da fotografia pois o grupo de pesquisa passou a oferecer nos congressos de 2009, 2010 e 2011, ao menos uma sessão de comunicações sobre fotojornalismo. Isso aparece quando verificamos o aumento de trabalhos apresentados nestes anos.

Conclusões

Apesar dos avanços nos estudo, pesquisa e ensino do jornalismo no Brasil, existem ainda partes desse grande campo que necessitam de atenção e observação mais apurada. Um exemplo claro é o fotojornalismo. Apesar da apropriação da imagem fotográfica pelo

jornalismo ter-se dado, inicialmente, há mais de 100 anos, a fotografia de imprensa continua sendo vista como elemento de complementação ou ilustração.

Em Novembro de 2011, Jack Womack, vice-presidente sênior de operações de notícias nacionais da CNN, enviou um memorando para todos os funcionários. Não era uma notícia para ser lida logo no início das férias...

(...) nós passamos um bom tempo analisando como podemos manter fotojornalistas em todos os pontos dos EUA. Olhamos para as demandas de produção, tempo ocioso, serviços internacionais, o impacto do conteúdo gerado pelo usuário e as mídias sociais, iReporters CNN e, claro, as contribuições das filiais que nos enviam notícias 24 horas. (...) tecnologias de consumo e pro-sumer são mais simples e mais acessíveis e pequenas câmeras agora estão com qualidade de transmissão de alta. (...) além disso, cada vez mais essa tecnologia está nas mãos de mais pessoas. (...) Depois de completar esta análise, a CNN determinou que alguns fotojornalistas deverão deixar a empresa (WOMACK, Jack. Disponível em: <http://cnnpressroom.blogs.cnn.com/2011/11/14/memo-from-jack-womack/>).

Isto é, após considerar todas as contribuições e submissões de fotografias, pelos usuários, através da sua plataforma *iReporter* (<http://ireport.cnn.com/>), a CNN entendia que poderia acabar com uma parcela considerável de fotógrafos de sua equipe. A mensagem que aparece é clara: numa época em que qualquer pessoa com um smartphone pode enviar notícias via ferramentas como o *Twitter* ou *Facebook*, ou ainda enviar imagens em tempo real para os sites de notícias, os fotojornalistas tradicionais estão indo na direção contrária – caminham para a extinção, como os dinossauros.

Hoje, com os modernos smartphones, milhões de pessoas estão agora de posse de potentes câmeras fotográficas. Terremotos, tsunamis ou acidentes não são planejados ou programados, mas quando algum acontece, não serão fotojornalistas que estarão por perto, serão usuários de aparelhos celulares. Mas, se qualquer pessoa de sorte com um smartphone pode agora tirar fotos para os jornais, o que faz um fotojornalista ser um fotojornalista nessa atual conformação de produção fotográfica? Para muitos profissionais é preciso descobrir o que os separa dos cidadãos comuns e suas pequenas câmeras fotográficas.

E se olharmos para os dados acima apresentados, o que temos feito para entender e auxiliar nessas questões que cada vez mais nos pressionam e nos afetam? Parece que temos muito para pesquisar, pois continuamos a colocar a fotografia de imprensa, ou melhor, o fotojornalismo, num patamar de pouca valorização .

Bibliografia:

- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 2000. Pp 221 – 254.
- COSTA H.; RODRIGUES R. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: IPHAN, Funarte, 1995.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2002.
- FREUND, Gisele. *Fotografia social*. Lisboa: Vega, 1994.
- GERACI, Philip C. *Photojournalism: New Images in Visual Communication*. Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Company, 1984.
- GERNSHEIM, Helmut e GERNSHEIM, Alison. *História gráfica de la fotografia*. Barcelona: Omega, 1966
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. S. Paulo: Hacker, 2000.
- MARQUES DE MELO, José. *História Social da Imprensa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003
- MARQUES DE MELO, José. Pedagogia da Comunicação: as experiências brasileiras. In: *Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1974.
- MITCHELL, William J. *The Reconfigured Eye*. Visual Truth in the Post-Photographical Era. Cambridge, Massachusetts. London, England: The MIT Press. 1994.
- NEWHALL, Beaumont. *Historia de la fotografia desde su Origenes a nuestros dias*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1999.
- SNYDER, Joel, *Picturing Vision, The Language of Images*. Chicago: University of Chicago, 1980.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.